

# Youn Sun Nah

23 Out 2018  
21:00 Sala Suggia

—  
OUTONO EM JAZZ

## Ambrose Akinmusire Quartet

### Youn Sun Nah

**Youn Sun Nah** voz

**Frank Woeste** piano, teclados

**Tomek Mierniowski** guitarra

**Brad Jones** baixo

**Dan Rieser** bateria

No seu concerto de estreia em Portugal, Youn Sun Nah apresenta o seu último álbum *She moves on* (ACT, 2017). Nascida e criada em Seul, a cantora cresceu num ambiente familiar com especial interesse pela voz: o pai dirigia um coro e a mãe era atriz de teatro musical. Aprendeu piano na infância mas diplomou-se em Literatura pela Universidade de Konkuk, em 1992. Em 1993 deu os primeiros passos no palco e em gravações: foi convidada pela Orquestra Sinfónica Coreana para cantar gospel e começou a ser convidada para musicais. Uma carreira parecia começar a vislumbrar-se e decide então voltar à escola para estudar música e canto. Verdadeira francófila, amante da *chanson française*, muda-se para Paris no Outono de 1995. Inscreve-se no Instituto Nacional de Música em Beauvais, no Conservatório de Nadia e Lili Boulanger e no CIM – escola de jazz e música popular. Foi nesta última escola que a epifania aconteceu.

Em 2000, realiza as primeiras digressões e começa a colecionar prémios em concursos e festivais como La Défense ou Jazz à Juan – o início de uma longa lista de prémios e distinções, entre as quais a condecoração como *Chevalier des Artes et des Lettres* pelo Ministro Francês da Cultura (2009) e o Prémio Sejong para a cultura, atribuído pelo Governo Coreano (2013).

A partir de 2007, Youn Sun Nah colaborou com o guitarrista Ulf Wakenius, o acordeonista Vicent Peirani e o contrabaixista Simon Tailleu, actuando nos festivais de Montréal, Marciac, Monterey, Java e Montreux – neste último foi convidada para presidir o Júri do Concurso de Canto em 2013. Foi nomeada embaixadora sul-coreana para o Dia Internacional do Jazz da Unesco.

Entre 2009 e 2015, a sua voz e personalidade impressionou os públicos de todo o mundo ao longo de cerca de 500 concertos, na sua maioria esgotados. Os álbuns *Same Girl* e *Lento* (ACT) conquistaram a marca de ouro. Neste período recebeu inúmeras distinções dos seus pares (Académie du Jazz em França, Echo Jazz na Alemanha, Prémio da Música Coreana) e actuou na cerimónia de

encerramento dos Jogos Olímpicos de 2014. Em 2015, foi convidada pelo Teatro Nacional da Coreia para ser a directora artística do festival de música tradicional coreana Yeowooraak.

**Frank Woeste** é um pianista, compositor e arranjador franco-alemão que vive em Paris. Gravou seis álbuns em nome próprio e participou em muitos outros como *sideman* e arranjador, tendo sido premiado em alguns destes. Depois de se diplomar pelo Conservatório de Paris, foi galardoado em diversos concursos internacionais de jazz. Foi um dos beneficiários do programa French-American Jazz Exchange 2014, ao lado do trompetista americano Dave Douglas. Trabalhou com grandes nomes do jazz e tocou nos principais festivais. Em 2003, foi galardoado com o Prémio Steinway & Sons no Concurso Internacional do Festival de Jazz de Montreux.

**Tomek Miernowski** é um multi-instrumentista e produtor que vive em Nova Iorque. Nasceu na Polónia e cresceu em Madison, Wisconsin, estudando engenharia de som e jazz com Robert Hurst e Geri Allen. Desde que se mudou para Nova Iorque, tem tocado e gravado com uma grande diversidade de artistas, incluindo Elle King, Diane Birch, Bill Sims Jr., Son Lux, Vulfpeck, Mos Def, Chris Thile, Rachel Platten, The Brooklyn Boogaloo Blowout e Meg Mac.

Natural de Nova Iorque, **Brad Jones** é baixista, compositor e pedagogo. Tocou em digressão e gravou com artistas como Ornette Coleman, Elvis Costello, Elvin Jones, David Byrne, Muhal Richard Abrams, Sheryl Crow, Deborah Harry, Dave Douglas, Vernon Reid, John Zorn, Don Byron, Marc Ribot e The Jazz Passengers.

Natural de Columbus (Ohio), **Dan Rieser** estudou no Berklee College of Music e integra a cena do jazz nova-iorquino há 25 anos. Pode ser ouvido nos álbuns *Come Away With Me* de Norah Jones e *The River and The Thread* de Rosanne Cash, ambos premiados com vários Grammy Awards. Gravou e apresentou-se com Madeleine Peyroux, Bill McHenry, Chris Cheek, Jon Cowherd, Jenny Scheinman, The Little Willies, Amos Lee e William Bell, entre outros.

## Ambrose Akinmusire Quartet

**Ambrose Akinmusire** *trompete*

**Sam Harris** *piano*

**Harish Raghavan** *contrabaixo*

**Justin Brown** *bateria*

Considerado pela NPR Music como “um dos nomes mais falados do jazz contemporâneo”, o trompetista Ambrose Akinmusire provou ser um músico de raro talento e vastos interesses estéticos, audíveis nos seus álbuns editados pela Blue Note: *When the Heart Emerges Glistening* (2011), *the imagined savior is far easier to paint* (2014) e, muito recentemente, *Origami Harvest* (2018). No ano passado editou o duplo *Rift in Decorum: Live at the Village Vanguard*, onde atinge um novo pináculo: ele e os seus companheiros de longa data Sam Harris, Harish Raghavan e Justin Brown tornam-se parte do distinto conjunto de artistas que gravaram na consagrada Village Vanguard, em Nova Iorque.

Akinmusire tem trabalhado mais regularmente em quinteto, com o saxofonista tenor Walter Smith ao seu lado, mas em *Rift in Decorum* opta por uma textura mais esparsa e em quarteto. “Na história não vemos muitos quartetos com trompete. Julgo que muitos trompetistas fogem disso. Eu quis desafiar-me. Quando é só um quarteto, estou um pouco mais livre para expressar todas as minhas influências”. A propósito do título do álbum: “‘Rift’ (brecha) relaciona-se com o acto de analisar um momento único. Para mim, são as brechas que tornam as coisas belas. ‘Decorum’ diz respeito ao que eu sinto em relação ao que se passa hoje em dia, musicalmente e no mundo. Há qualquer coisa de especial nas cortinas vermelhas da Village Vanguard: de alguma forma a imagem da capa de *A Rift in Decorum* faz o mesmo sentido para mim. Musicalmente, o título celebra o bom e o mau, as partes feias e as belas.”

Mas de que forma as brechas se manifestam na música? “Tenho-me interessado muito em explorar os extremos. Pego nas coisas que estão mesmo à nossa frente e noutras que não estão assim tanto, e depois misturo as duas coisas e tento encontrar algo no meio, ou até questionar o que é esse meio. É essa a ideia que está na base deste quarteto. Portanto, às vezes há um tema que contém imenso material e noutra já tocamos algo muito mais económico, quase como se se tratasse de um nocturno de Chopin. Penso que é isto que sou, cada vez mais, como pessoa: extremos, pólos opostos, os confins de ambos.”

Os companheiros de Akinmusire, altamente sintonizados com os seus instintos e objectivos musicais, trazem esses extremos à superfície, desde o fogo vívido das intrincadas “Brooklyn”, “Trumpet Sketch” e “H.A.M.S”, à calma que paira em “A song to exhale to (diver song)”, até à solenidade lírica de “Withered”. Entre os membros da banda, o laço mais antigo é entre Akinmusire e **Justin Brown** – “Temos tocado juntos desde a altura em que eu comecei a tocar jazz (...) Há uma longa história que liga o trompete à bateria, por isso tem sido incrível crescer com um baterista como ele”.

**Sam Harris** e **Harish Raghavan** apareceriam mais tarde no percurso de Akinmusire, em meados da década de 2000. “Sam e eu estudámos juntos na Manhattan School of Music. Sempre que o

ouvia, ele soava de forma completamente diferente. Ela acompanha muito a arte contemporânea, a música clássica, todo o tipo de coisas, e acho que isso ajuda bastante quando trago novas composições. Ele é muito curioso e está sempre a estudar. Conheci Harish quando estava no Thelonious Monk Institute. Ele é o instigador da banda: a partir do momento em que começamos a tocar, ele aponta sempre um caminho completamente diferente. Quando damos masterclasses digo que Harish aborda esta música como uma forma moderna de Dixieland ou algo parecido.”

Os efeitos expressionistas que Akinmusire explora no seu instrumento – válvulas a meia posição, sons de altura não definida, sons de respiração, tudo no âmbito dos “extremos” acima mencionados – colocam-no numa linhagem do trompete que vai muito além das esperadas influências pós-bop, incluindo tanto o jazz primitivo como o *avant-garde*.

Motivado primariamente pelo valor espiritual da arte, Akinmusire quer remover todas as barreiras de erudição que circundam a sua música. Com uma carreira de 15 anos, tem-se situado paradoxalmente no centro e na periferia do jazz, emergindo recentemente em círculos dedicados à clássica e ao hip hop. Encontra-se em constante busca por novos paradigmas, inspirando-se em outros géneros, nas artes e na vida, resultando em composições tão poéticas e graciosas quanto corajosas e inabaláveis. Akinmusire leva a sério a sua prática musical e alimenta uma firme dedicação à criação. “Aprendi a aceitar as consequências de acreditar na invenção e na criatividade. É inevitável ser-se incompreendido.”

A sua abordagem pouco ortodoxa ao som e à composição resulta em sucessivas presenças nas escolhas dos críticos e em bolsas e encomendas de instituições como Doris Duke Foundation, MAP Fund, Kennedy Center e Monterey Jazz Festival.

# INFINITO VÃO

A Casa da Arquitectura convida os espectadores do Festival Outono em Jazz a visitarem a exposição “INFINITO VÃO – 90 anos da arquitectura brasileira”. Nos meses de Outubro e Novembro, apresente o bilhete do concerto e aproveite o desconto de 50% na entrada da exposição.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN CONCERT HALL ORGANISATION

TENSO